

# Book of Abstracts



**13 a 14 de novembro de 2019**

**São Paulo - Brasil**

**Grupo de Estudos Olímpicos (GEO)**

## **APRESENTAÇÃO**

O Grupo de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo tem o prazer de convidá-los para a realização do IX Seminário Estudos Olímpicos - A Dimensão Imaginária do Esporte, nos dias 13 e 14 de novembro de 2019.

Em 2005 teve início o ciclo de Seminários de Estudos Olímpicos, com a presença de importantes pesquisadores nacionais e internacionais, autoridades do tema olímpico, que não apenas colaboraram nas discussões promovidas, como também das muitas publicações geradas desses encontros no formato de artigos e livros. E nesta edição a finalidade é discutir a dimensão diurna e noturna no esporte e as imagens que emergem da trajetória do atleta olímpico contemporâneo.

*Katia Rubio*

*Editora*

*Universidade de São  
Paulo*

*katrubio@usp.br*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v3.i079](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v3.i079)*

## Book of Abstracts

### COMISSÃO ORGANIZADORA

#### PRESIDENTE

Profª Drª Kátia Rubio

#### MEMBROS

Profª Drª Soraya Chung Saura

Profª Drª Ana Maria Zimmermann

Profª Drª Flávia da Cunha Bastos

Profº Dr. Ary José Rocco Jr.

### COMISSÃO CIENTÍFICA

#### PRESIDENTE

Profª Drª Katia Rubio

#### MEMBROS

Prof. Dr. Alexandre Velly Nunes -  
UFRGS

Profª Drª Ana Jacó Vilela - UERJ

Prof. Dr. Raoni Machado - UFLa

Profª Drª Gislene Melo - UCB

Profª Drª Juliana Camilo - PUC (SP)

### Comissão de Trabalho

Carlos Rey Perez

Dhênis Rosina

Edilene Gonçalves

Gislane Melo

Júlia Frias Amato

Luciane Tonon

Maria Alice Zimmermann

Neilton Ferreira Jr.

Rafael Campos Veloso

Rovilson de Freitas

William Douglas

Waleska Vigo Francisco

Natália Quintilio

# Book of Abstracts

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ORAL .....	4
ATLETAS PARALÍMPICAS BRASILEIRAS E OS FRAGMENTOS SIMBÓLICOS DA SUPERAÇÃO .....	5
SELEÇÃO BRASILEIRA INDIVIDUAL DE GINÁSTICA RÍTMICA: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE GINASTAS PARTICIPANTES DE JOGOS OLÍMPICOS E MUNDIAIS PRÉ-OLÍMPICOS .....	7
EDUCAÇÃO OLÍMPICA EM UMA ESCOLA INTERNACIONAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PAUTADA POR VALORES .....	9
A QUEIMADA QUE ME PASSA E ME ACONTECE .....	11
MINERAÇÃO DE DADOS USANDO DAMICORE. ESTUDO DE CASO DAS ENTREVISTAS DOS ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS .....	13
ENTRE JOGOS, VIVÊNCIAS E VALORES: RELATOS DE QUEM COMPREENDEU QUE NUNCA SERÁ SOMENTE UM JOGO .....	14
POR DENTRO DA MARATONA .....	15
DA ESTRUTURA DO RACISMO NO ESPORTE AO PUNHO EM RISTE .....	16

# APRESENTAÇÃO

## ORAL

## Book of Abstracts

### ATLETAS PARALÍMPICAS BRASILEIRAS E OS FRAGMENTOS SIMBÓLICOS DA SUPERAÇÃO

Luciane Maria Micheletti Tonon

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos  
(GEO)

luciane.tonon@usp.br

A história das mulheres paralímpicas difere bastante das olímpicas em termos de preconceitos e direitos de participação. Enquanto no Movimento Olímpico elas foram convidadas a serem somente apreciadoras, pelo precursor dos Jogos da Era Moderna, o Barão de Coubertin; no Movimento Paralímpico elas já iniciaram disputando a mesma prova que os homens, no caso tiro com arco. A deficiência igualava gêneros, quando o esporte era somente para reabilitação no Stoke Mandeville Games. No entanto, a história mudou. A competição tornou-se de alto rendimento e as atletas conquistaram cada vez mais seus espaços. A delegação brasileira feminina, por exemplo, segundo o IPC (2015) na edição dos Jogos de Nova York, 1984, obteve 23 medalhas das 28 conquistadas pelo país. De um total de sete ouros, cinco vieram por mãos femininas. Nesse sentido o presente trabalho tem o objetivo de destacar na fala de quatro atletas paralímpicas brasileiras, fragmentos simbólicos que representem a superação de barreiras físicas, atitudinais e preconceitos. O método utilizado foi o de narrativas biográficas (RUBIO, 2014, 2016), que permitiu tais atletas contarem sua própria história com o que trouxeram significativamente à memória. A fala partiu do convite: conte-me sua história de vida e foi transcrita fielmente sem análises ou comprovações de dados, dando vazão à subjetividade e à hermenêutica simbólica da interpretação. O texto foi complementado com cenários vistos durante a abertura dos Jogos Rio, 2016 e com fala das mesmas na mídia. Tais atletas protagonizaram momentos distintos da história. A começar pela ex-velocista, Márcia Malsar, que foi a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro Paralímpica, quando venceu a prova de 200 metros rasos na classe C6 (paralisados cerebrais) nos Jogos de Nova York, 1984. Depois a velocista Ádria Rocha Santos, que é a maior medalhista do país somando 13 medalhas Paralímpicas conquistadas nas seis edições de Jogos Paralímpicos que participou desde Seul 1988 a Pequim, 2008. Na sequência a jogadora de goalball, Ana Carolina Duarte, que com apenas 15 anos de idade fez parte da seleção brasileira desde a primeira edição em que o país foi com a modalidade em Atenas, 2004 e hoje encontra-se entre uma das melhores do mundo rumo à Tóquio, 2020. Vale destacar que o Goalball feminino representou o Brasil antes mesmo dos homens em Atenas, 2004. E, por fim a mulher que tira o ouro do “peso” do preconceito. Se ser mulher já é motivo para preconceitos, ser negra a dosagem dobra e ainda ter deficiência, a arremessadora de peso, Roseane

## Book of Abstracts

Ferreira dos Santos se considera “qualificada” para o cargo. A atleta é dona de duas medalhas de ouro conquistadas nos Jogos Paralímpicos de Sydney, 2000, na classe F58 (F-Field provas de campo e 58 amputada de membro inferior). Os quatro casos narrados trazem uma amplitude de temas a serem pesquisados. Para elas o preconceito de não ter um corpo perfeito é maior do que a carga de ser mulher. No entanto, o esporte trouxe a elas o que a sociedade não foi capaz, a valorização enquanto pessoa, enquanto mulher e enquanto atleta.

Palavras-chave: Esporte paraolímpico; Mulheres; Superação.

## Book of Abstracts

### SELEÇÃO BRASILEIRA INDIVIDUAL DE GINÁSTICA RÍTMICA: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE GINASTAS PARTICIPANTES DE JOGOS OLÍMPICOS E MUNDIAIS PRÉ-OLÍMPICOS

Bruna Locci

Laurita Marconi Schiavon

Faculdade de Educação Física – Unicamp

brunalocci@gmail.com

A trajetória histórica da Ginástica Rítmica no Brasil, mais especificamente na modalidade individual, não apresenta uma construção coesa de resultados internacionais estáveis e progressivos, e sim uma concreta descontinuidade no alto rendimento esportivo. A escassez de informações científicas disponíveis sobre essa modalidade individual evidencia a falta de reflexões acerca do desenvolvimento desse esporte no país e reforça a necessidade de investigações sobre o processo de formação e a vida esportiva das poucas ginastas que conseguiram se destacar no Brasil, com três participações em Jogos Olímpicos, desde 1984, quando a modalidade é inserida nesse evento. O presente resumo advém de uma tese de doutorado em andamento que se propõe a descrever e analisar, sob a perspectiva das próprias ginastas, a trajetória esportiva das atletas integrantes da Seleção Brasileira Individual de Ginástica Rítmica que participaram de Jogos Olímpicos e/ou seus respectivos Campeonatos Mundiais Pré-Olímpicos, no período de 1983 a 2016. Para tanto, essa pesquisa de caráter qualitativo está fundamentada metodologicamente na História Oral a partir da variante da História de Vida (SIMSON, 1988; MEIHY, 2005), por meio dos depoimentos orais das 8 ginastas brasileiras participantes dos eventos supracitados. As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora, gravadas por aplicativo de celular e posteriormente transcritas. Essas evidências orais estão sob organização do texto expositivo para o início da análise, que será realizada pela técnica de análise cruzada (THOMPSON, 2002). Podemos dizer que, além de dar voz às ginastas, que apesar do destaque esportivo não são vistas pela própria sociedade brasileira e não são ouvidas pela própria comunidade ginástica, ou ainda, pelas próprias treinadoras e dirigentes, há a oportunidade nessa pesquisa do registro de partes desse processo de formação esportiva. Outro diferencial desse estudo é a discussão que aborda a trajetória de ginastas do alto rendimento que alcançaram o sonho olímpico e de outras que quase atingiram suas metas máximas de participar dos Jogos Olímpicos, mas não conseguiram a classificação nos Campeonatos Mundiais Pré-Olímpicos. Esperamos, com o resultado, ampliar as investigações e oferecer apontamentos para reflexões acerca da formação esportiva na Ginástica Rítmica no âmbito do alto rendimento, visando possíveis ações futuras para o desenvolvimento dessa modalidade a partir das perspectivas das ginastas brasileiras de destaque nessa modalidade.

## Book of Abstracts

Palavras-chave: Ginástica Rítmica; História Oral; Jogos Olímpicos.

## Book of Abstracts

### EDUCAÇÃO OLÍMPICA EM UMA ESCOLA INTERNACIONAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PAUTADA POR VALORES

Julio Cezar Fetter

Cristina Polisaitis de Oliveira

Renata Federicci Macrini

Avenues São Paulo

[julio.fetter@avenues.org](mailto:julio.fetter@avenues.org)

O Olimpismo propõe-se como uma prática de vida que extrapola os limites do campo, pistas, quadras. Mais do que uma prática competitiva, impõe-se como uma filosofia pautada por valores morais e éticos, buscando desenvolver nos indivíduos esses aspectos na formação de um sujeito humano global. Alinhada com esses princípios, iniciamos uma intervenção pedagógica dentro das aulas de "Bem-estar e movimento" - que ocupam a grade no lugar da Educação Física tradicional - em uma escola internacional recém aberta na cidade de São Paulo, afim de promover e significar esses valores para os alunos. A proposta da escola, para além de atividades lúdicas e esportivas, consiste no desenvolvimento de conceitos e valores, tendo estes como um dos pilares que suportam a intenção pedagógica da escola que entende como premissas fundamentais a existência permanente de ambientes, práticas e, conseqüentemente, pessoas pautadas pelo respeito, acolhimento e segurança. A partir disso, iniciamos o projeto com a pesquisa das possibilidades de intervenção, adequando as realidades de espaço, alunas e alunos e materiais. A intervenção foi feita nas três turmas de 4o ano do Ensino Fundamental I, num total de 57 alunos, que possuíam duas aulas semanais de uma hora cada. A proposta foi realizada durante 14 semanas, da preparação às produções finais, introduzindo as modalidades do atletismo, basquetebol, voleibol, ginástica artística e rítmica, com atividades práticas que privilegiassem o conhecimento de aspectos básicos das modalidades e experimentações das mesmas, e com a apresentação de fatos, histórias de vida, edições olímpicas, na intencionalidade de trazer a discussão sobre os valores e as relações com o cotidiano, sempre tendo atletas como destaque dessas representações. Ao fim de 10 semanas, alunas e alunos puderam escolher um atleta ou situação específica vivenciada por um grupo de atletas que exaltasse valores desenvolvidos como amizade, excelência, respeito, para, então, identificar o valor representado para eles naquela escolha e, com maior ênfase, relacionar tal fato e tais valores com

## Book of Abstracts

suas atitudes e tarefas cotidianas. Todos os dados coletados serviram para a produção de um pôster exposto a toda comunidade escolar. Ao avaliar o projeto, conseguimos observar que se faz necessária a construção de um cronograma conjunto com os alunos, para que compreendam os objetivos finais e percorram o processo de forma mais significativa e positiva. No entanto, destacamos dois aspectos: o primeiro refere-se ao desenvolvimento da busca pelos valores positivos, excluindo as idealizações específicas; em seguida, embora de forma mais árdua, conseguiram correlacionar com exemplos vividos em seus cotidianos. Contudo, acreditamos que podemos reestruturar algumas questões do cronograma, mas fundamentalmente aprofundarmos os trabalhos sobre valores. Ainda, o atleta como principal legado mostrou ser também fator de motivação e engajamento para o desenvolvimento do trabalho pelos alunos; a partir da própria escolha, puderam compreender a proposta de forma mais significativa e correlacionar diretamente com algo consumido e também vivido por eles.

Palavras-chave: Educação Olímpica; Valores humanos; Intervenção pedagógica.

## Book of Abstracts

### A QUEIMADA QUE ME PASSA E ME ACONTECE

Natália Kohatsu Quintilio

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos  
(GEO)

nataliakq29@gmail.com

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento orientador das práticas educacionais no Brasil, dando suporte às Diretrizes para o Programa de Oficinas de Práticas Corporais e Esporte Educação, são os documentos que norteiam as atividades esportivas extracurriculares da Prefeitura de São Caetano do Sul (SCS). Estas atividades esportivas extracurriculares podem vir a ser experiências significativas, no entanto, para que isso aconteça, é necessário que os alunos se vejam e sejam vistos como pessoas competentes e protagonistas de um processo educativo intencional. Atribuir sentido a determinada prática é permitir que a subjetividade de cada aluno venha à tona e, assim, o professor pode entender melhor as expectativas de cada aluno e organizar seu processo educativo de acordo com o isso. De acordo com Bondía (2002), são as palavras que produzem sentido e determinam pensamentos e, pensar é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Com o intuito de provocar o início de uma atribuição de sentido ao que são e ao que lhes estava acontecendo, os alunos da oficina de queimada de uma escola pública de SCS foram convidados a responder: “O que significa, para você, fazer parte do time de queimada da escola”? Inserir a linguagem escrita para se expressarem pode facilitar a atribuição de sentidos que leva os alunos a entendimentos de ordem pessoal e coletiva. Esta intervenção vai ao encontro do desenvolvimento da quarta competência descrita pela BNCC, a qual mobiliza a utilização da linguagem escrita para se expressar, partilhar e trazer à consciência ideias, sentimentos e produzir sentido. As respostas oferecem um ponto de partida sobre o que significa estar no time para cada um dos alunos. A partir delas, observa-se a presença do aprendizado das habilidades socioemocionais, das habilidades motoras e do prazer em fazer parte, revelando diversos sentidos para uma única prática, sugerindo o caráter subjetivo da experiência (BONDÍA, 2002). Sobre as intenções desta primeira intervenção descrita, Bondía (2002) propõe a exploração de uma possibilidade mais existencial e estética da educação, buscando pensá-la a partir do par experiência / sentido. Vale destacar que o professor não pode considerar, a priori, que uma experiência será significativa para seus alunos, pois ela só adquire essa condição, de ser significativa, a partir do momento em que os alunos atribuem sentido a ela. O sentido é atribuído, por cada um, para determinado aprendizado ou vivência. Dessa forma, uma vivência só poderá vir a ser uma experiência significativa se lhe foi atribuído sentido por alguém, se ela for revestida de ânimo.

## Book of Abstracts

Palavras-chave: Experiência significativas; Habilidades socioemocionais; Esporte educacional.

## Book of Abstracts

### MINERAÇÃO DE DADOS USANDO DAMICORE. ESTUDO DE CASO DAS ENTREVISTAS DOS ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Rovilson de Freitas

USP – São Carlos

[rovilson.freitas@usp.br](mailto:rovilson.freitas@usp.br)

Desde o ano de 2001, o Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO/USP), realiza diversas pesquisas no dentro do universo olímpico. Questões como preservação da memória, narrativas biográficas, história de vida, história e evolução do esporte, gênero, racismo, transição de carreira, entre outros, resultaram em diversos artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. As entrevistas são realizadas com sujeitos que podem, de alguma maneira, contribuir para a pesquisa, trazendo elementos de sua vivência em alguma atividade específica. A experiência pessoal, em determinadas situações, é fundamental para o entendimento do todo sobre aquela atividade. Ninguém melhor para falar sobre alguma coisa do que aquele que viveu ou presenciou o fato. No caso específico do GEO, as entrevistas têm uma característica especial. Elas não possuem roteiro ou perguntas definidas. Elas partem de uma única pergunta, que permeia a sequência: “Me conte a sua história”. A partir daí, sob a perspectiva da fala do atleta, as informações são coletadas. Perguntas podem surgir, mas sempre a partir da fala desse atleta. Esse formato de entrevista acaba dificultando a análise dos dados. Por seu caráter totalmente não-estruturado, acaba sendo muito difícil determinar um padrão de respostas por exemplo, visto que não há necessariamente a repetição de perguntas entre os entrevistados. Isso acaba gerando a necessidade do uso de ferramentas computacionais que possam, de maneira automática, apresentar possíveis assuntos a serem estudados pelos pesquisadores. Realizar uma análise manual com as mais de mil entrevistas, além do enorme tempo necessário (e que muitas vezes não disponível num contexto de estudo acadêmico), além da grande possibilidade de dados não serem considerados ou nem mesmo considerados, mostra-se muito difícil e até mesmo, inviável. Para esse estudo, foi proposta a utilização da ferramenta Damicore, justamente na busca de padrões que podem indicar os caminhos que os pesquisadores podem seguir. Foram realizadas diversos testes para se determinar um modelo inicial de análise, saindo de um pressuposto apenas intuitivo para outro, baseado em resultados mais concretos. Foram detectados padrões com relação aos entrevistadores de algumas modalidades, além de apontar quais modalidades provavelmente possuíam assuntos relevantes, dado seu volume de entrevistas.

Palavras-chave: Entrevistas; Atletas Olímpicos; Mineração de Dados; Damicore.

## Book of Abstracts

### ENTRE JOGOS, VIVÊNCIAS E VALORES: RELATOS DE QUEM COMPREENDEU QUE NUNCA SERÁ SOMENTE UM JOGO

Andreza Rodrigues Marreiros de Sousa

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos  
(GEO)

marreiros@usp.br

O esporte não é bom e nem ruim, é aquilo que se faz dele. Tida, muitas vezes, como um ponto negativo no contexto escolar, a competição tem sido considerada vilã. Fugindo de uma visão dualista, que busca caracterizar algo como bom ou ruim, assim como o esporte, a competição é aquilo que se faz dela. Afinal de contas, ela não se faz presente só em contextos esportivos, podendo ser observada em situações cotidianas. Numa esfera maior, observamos o quão os atletas se preparam para participar de grandes competições, como os Jogos Olímpicos. Nesse caso, os atletas de diversas modalidades se preparam durante quatro anos (entre treinos e outros tipos de competições, diárias e repetitivas) para chegar aos jogos, vestir a camisa da seleção que representa e buscar resultados, que não necessariamente estão ligados à conquista de medalhas ou subir no lugar mais alto do pódio. Até então falamos de atletas de alto rendimento, que competem por seus clubes e têm (ou deveriam ter) todo o suporte necessário para se dedicar ao esporte; observando através de uma ótica diferente, mas não menos importante, temos na cidade de São Paulo as denominadas Olimpíadas Estudantis, que ocorrem anualmente e que envolvem crianças e adolescentes na prática de diferentes modalidades esportivas. Com o intuito de oportunizar a vivência do esporte, levando em conta a possibilidade de participação de todos (ZIMMERMANN, 2019) escolas participam estimulando alunos e, por que não, professores a vivenciarem situações competitivas e, mais do que isso, vivenciando experiências e perspectivas sobre os valores subjacentes à prática esportiva. Decerto, os Jogos Olímpicos são considerados objeto de desejo dos atletas, e isso já está mais do que provado. Mas, o que significa a competição escolar para as crianças e adolescentes que “vestem a camisa” da escola? Há esse mesmo sentimento de orgulho de representar a escola em campeonatos externos? E essa relação entre companheiros de equipe, professores e colegas de outras escolas, como se dá? Para se alcançar o resultado não é somente conquistar vitórias ou ganhar medalhas. Valores como amizade, respeito, excelência, inspiração, determinação, entre outros, estão presentes em seus discursos. E, de forma unânime, não tem quem esqueça daquele frio na barriga que o esporte nos proporciona e que não nos deixa esquecer que nem só de derrota ou vitória vive o atleta.

Palavras-chave: Esporte; Valores Olímpicos; Olimpíadas estudantis; Relatos.

# Book of Abstracts

## POR DENTRO DA MARATONA

Tiago Brant de Carvalho Falcão

Ricardo Ricci Uvinha

Escola de Artes, Ciências e Humanidades - USP

tiagobfalcao@usp.br

A Maratona Olímpica é um símbolo de resistência, perseverança e determinação para toda a civilização ocidental desde sua criação, nas primeiras olimpíadas da era moderna, em 1896. Mesmo sem ter uma distância padronizada nas primeiras maratonas da história, essa corrida específica conseguiu se perpetuar ao longo dos anos, tornando-se uma referência para corredores de longa distância e fazendo das maratonas ao redor do planeta um objetivo de mercado para cidades dispostas a conquistar o turismo gerado por essas corridas. Correr e treinar para maratonas é um desafio dolorido e extenuante, mas traz benefícios à saúde física e mental de quem se dispõe a percorrer a distância com o devido preparo. Apesar do risco de lesões, o roteiro que conduz a uma maratona é conhecido e bastante acessível através de inúmeras assessorias esportivas especializadas. Mas porque essa corrida continua sendo objeto de desejo para um crescente número de atletas amadores?

Palavras-chave: Corrida; Atletismo; Educação Física e Treinamento; História.

## Book of Abstracts

### DA ESTRUTURA DO RACISMO NO ESPORTE AO PUNHO EM RISTE

Neilton Ferreira Junior

Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP) / Grupo de Estudos Olímpicos  
(GEO)

neilton.ferreirajunior@usp.br

Esporte institucionalizado e sociedade brasileira se constituíram à luz de semelhantes horizontes utópicos, sendo liberdade e igualdade os valores historicamente mais evocados e, considerados por muitos, as bases sobre as quais o sonho da coexistência fraterna entre “raças” se tornaria realidade. Mas conforme a história não nos deixa esquecer, tais ideais só resistiram e continuam a resistir ao teste da realidade porque inscritas na memória social na forma de mito. Daí ser tão difícil perceber ou mesmo combater o racismo onde quer que se manifeste, posto que a narrativa de que no Brasil prospera uma “democracia racial”, cuja prova cabal se verifica na miscigenação, seduz tanto incautos quanto eruditos. Diante desse quadro, o presente estudo tem por objetivo identificar e apresentar quatro aspectos estruturantes das relações raciais no esporte, a saber: (i) a exclusão deliberada, (ii) a inclusão subordinada, (iii) o conceito de esporte vigente e (iv) os mecanismos de resistência ao racismo constituídos pelos atletas negros e negras.

Palavras-chave: Raça; Racismo; Atletas Olímpicos Brasileiros.